

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: UMA FRONTEIRA QUE NECESSITA SER DESFEITA

Anna Carla Ferreira de Araújo; Anna Cristina Ferreira de Araújo; Carlos Augusto Batista de Sena;

Universidade Federal de Pernambuco. annacarlaf1995@hotmail.com

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão da temática sexualidade entrelaçada ao processo educativo, visto que o tradicional ambiente de ensino limita a discussão dessa transversalidade, a gerar “prisões” que se concretizam no espaço escolar e se manifestam de forma negativa na sociedade. As transformações atreladas ao desenvolvimento humano são de fundamental importância na construção da identidade dos membros sociais, tendo em vista os fenômenos presentes na sociedade hodierna, principalmente quando se trata de temas transversais, ou seja, em relação às questões emergentes da modernidade, faz-se necessário a aplicação de práticas de cunho pedagógico a fim de explanar esses assuntos em salas de aula. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi exclusivamente bibliográfica, onde se buscou exibir os fatores que isentam o setor escolar a trabalhar tais assuntos inerentes à curiosidade e às necessidades dos alunos, acarretando numa limitação na exposição dos conteúdos de maneira mecanizada. Sabe-se ainda que as escolas aparentam não estarem preparadas para a dimensão da sexualidade, visto que tendem a se apoiar em tabus que norteiam ambientes de ensino, propagando, assim, a ideia de homogeneidade no contexto escolar. Com a conhecida história de repressão que acomete os diversos grupos de gêneros existentes socialmente, é imprescindível a aplicação de práticas pedagógicas condizentes com tal pluralidade, na qual permita a conscientização do respeito às diferenças e também do aprimoramento e aplicação de métodos para se evitar as infecções sexualmente transmissíveis. Portanto, o ambiente escolar pode possibilitar a mudança, na medida em que rompe com os estereótipos sexuais construídos culturalmente e se dispõe a interpretar as informações advindas da indústria midiática, contribuindo, dessa forma, para a formação do indivíduo enquanto ser crítico.

Palavras-chave: sexualidade, ambiente escolar, diversidade de gênero.

INTRODUÇÃO

A diversidade de grupos existentes na sociedade são traços marcantes da necessidade de uma pedagogia cuja finalidade seja associar a sexualidade ao processo educativo. A visibilidade de novos grupos de gêneros proporciona o balanço de movimentos sociais, caracterizados pelo desejo de equidade entre os membros culturalmente formados. Discutir sexualidade dentro da sala de aula suscita questões delicadas de serem dialogadas, já que há uma monotonia quanto a este assunto, considerado um tabu em ambientes de ensino. Além disso, "a cultura da escola faz com que respostas estáveis sejam esperadas e que o ensino de fatos seja mais importante do que a compreensão de questões íntimas" (BRITZMAN, 2010, p. 85).

Dessa forma, um modelo autoritário de ensino reduz a possibilidade de debate vinculado ao tema gênero e sexualidade, visto que a comunidade docente tende a ser norteadada por um cronograma cuja finalidade é cumpri-lo no prazo determinado, sem levar em consideração as reais necessidades dos alunos. Com isso, há uma restrição desses conceitos no campo da educação, adquirindo assim uma leitura superficial das diferenças sexuais. Portanto, nota-se um

negligenciamento considerável por parte das instâncias superiores responsáveis pela elaboração de estratégias de ensino capazes de agregar valores próprios de uma sociedade em constante transformação no que se refere à temática abordada.

Existe uma maneira própria de cada um atribuir valores e significados aos corpos que constituem a culturalização dos envolvidos e se submetem aos paradigmas sociais, muitas vezes favorecendo uma repressão ao modo de ver os corpos que são ressignificados pela cultura, acrescentando-se a isto um modelo de estética que tende a desqualificar sujeitos que não se encaixam no padrão, imperado por uma indústria cultural que tende a homogeneizar os indivíduos sociais. Desse modo, a escola deveria ter como uma de suas principais atribuições, o engajamento dos variados tipos de alunos, considerando suas diferenças. De maneira que se priorize a adequada aquisição de conhecimento através de um processo ensino-aprendizagem, independente das questões de gênero e sexualidade. Diante disso, “a educação sexual tornou-se o lugar para trabalhar sobre os corpos das crianças, adolescentes e professores” (BRITZMAN, 2010, p. 95). Sendo assim, subtende-se que há uma necessidade de desmistificar certos conceitos que levam ao preconceito de gênero, sobretudo em cultura predominantemente machista e patriarcal que torna a masculinidade como um fator superior na sociedade, inclinando-se a uma ideia de inferioridade de gênero.

A ausência de abordagens pedagógicas ou mesmo debates esporádicos em disciplinas específicas nas escolas referentes à sexualidade pode deixar de gerar uma consciência crítica nos alunos, privando-os de compreender as formas de se prevenir doenças e evitar gravidez indesejada. Sabe-se até mesmo que para alguns estudiosos, trabalhar conceitos de âmbito sexual é considerado como não-sadio, visto que fomentaria precocemente a sexualidade da criança e do adolescente (CAMARGO; RIBEIRO, 2000).

Diante dessas discussões, pretende-se com essa pesquisa explorar conceitos visivelmente reprimidos no contexto social, a fim de colaborar na disseminação de informações acerca desse assunto e romper com tabus aparentemente institucionalizados nas escolas. Além disso, há uma intenção de mostrar como a educação escolar pode trabalhar com tais questões de forma satisfatória, analisando-se metodologias capazes de superar os desafios do ensino em relação à saúde da criança e do adolescente. Desse modo, se objetiva também apresentar estratégias de ensino que possam englobar as questões de higiene e saúde no contexto educacional, relacionando-as com as reflexões sobre gênero e sexualidade.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado utilizando-se pesquisa de caráter bibliográfico exploratório, a partir de artigos, livros e revistas na base de dados do Google Acadêmico e do Portal de Periódicos CAPES/MEC, para que se pudesse fundamentar as afirmações aqui apresentadas através de argumentos compatíveis com as questões suscitadas. Dessa forma, buscou-se as falas de autores da atualidade que tratam da temática gênero e sexualidade, assim como também sobre as questões relacionadas a educação, higiene e saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a infância, somos bombardeados com normas que definem o que devemos fazer, como se comportar, como se vestir e, principalmente, quem devemos ser. A princípio, tem-se a indústria cultural como dominante na imposição de imperativos, ejetando, por exemplo, um padrão de beleza que prevalece sobre os indivíduos. Termos como masculinidade e feminilidade são historicamente definidos, e, com isso, modelos comportamentais e morais são a eles atribuídos como premissa de construção dos membros sociais, a fim de uniformizá-los.

Evidencia-se, portanto, uma escolarização do corpo conferido à ideia de gênero. Seres esculpidos por tradições e construídos com normas que carecem de ser cumpridas. Por um lado, o fato de ser definida como mulher sugere um corpo com curvas confinado à sedução, a ideia de indivíduo sensível, e, além disso, papéis sociais são concedidos como sendo inerentes do sexo feminino; por outro, concentra-se um tabu de insensibilidade relacionado aos homens apoiados em uma estrutura corporal rude. Isso implica na formação artesanal desses membros.

Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros - feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres - também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2010, p.11)

Toda esta construção social tem na escola um dos fulcros das problematizações relacionadas à formação psicossocial do aluno, levando-se em consideração as transformações ocorridas nos corpos e nas formas de pensar das crianças e adolescentes, em se tratando de desenvolvimento sexual. É no contexto escolar que os estudantes recebem suas primeiras lições de vida e passam a

construir elementos que podem nortear o resto da sua vida, fazendo-os corresponder com os padrões e conhecimentos que são transmitidos.

Neste ambiente de aprendizagem também se encontra na relação professor-aluno a possibilidade de se construir o saber de forma bilateral, onde o aluno tem na figura do professor a pessoa na qual ele pode confiar, estabelecendo-se uma relação de proximidade mútua. Dessa forma, sabe-se que o processo de ensino-aprendizagem flui mais eficientemente, quando professor e aluno se unem na elaboração das metodologias apropriadas para a formação de um ideal emancipatório, igualitário e libertador.

As transformações sociais acontecem em todos os âmbitos, e a educação escolar deve acompanhar tal dinâmica, possibilitando aos alunos que se apropriem de termos e conceitos que emanam dos discursos, mais especificamente aqui tratados, os que se relacionam às questões de gênero, sexualidade, higiene e saúde; pois sabe-se que, sobretudo os adolescentes, se encontram em uma fase vulnerável do desenvolvimento humano, ficando propensos a infecções sexualmente transmissíveis, o que pode gerar problemas de ordem mais gerais, socialmente falando, como o aumento de crianças abandonadas pelos pais que aumentam a criminalidade e a violência.

A escola se vê na obrigação de intervir na elaboração e adequação do projeto político pedagógico, de forma que se possa criar um planejamento que se apresente como interdisciplinar, transversal e inovador, considerando-se a importância das questões aqui pesquisadas. Se faz necessário com isso um repensar nas estratégias didáticas por parte do professor, que deve trazer elementos do cotidiano dos alunos, elucidando conceitos necessários para uma melhor compreensão do que se passa tanto na comunidade quanto dentro do contexto escolar, uma vez que existem muitos alunos na escola emergente inseridos em tais conceitos, fazendo parte dos variados grupos de gênero.

A crescente visibilidade desses diversos grupos de gênero supõe uma reestruturação de normas vigentes da sociedade atual, assim como também exige uma reformulação de estratégias pedagógicas capazes de evitar os preconceitos nas suas variadas formas. A problematização se evidencia a partir do momento em que os segmentos da sociedade definem a sexualidade como “normal” e “anormal”, produzindo, com isso, a desigualdade das suas linhas de gênero. Para a comunidade tradicional, sujeitos como gays, lésbicas, bissexuais e queers – o homossexualismo em geral – são considerados seres “desviantes” quando se trata de a diversidade sexual apenas fazer sentido em relação a uma norma aparentemente dada pela natureza, firmada na heterossexualidade.

Portanto, percebe-se que esta abordagem quando é feita de forma interdisciplinar gera efeitos altamente positivos na aprendizagem, pois “pode contribuir para a busca de resoluções fundadas em raciocínio crítico e conhecimento na problematização dos temas referentes à sexualidade por parte dos adolescentes, de uma forma integrada e não alienada ao contexto em que vivem” (TONATTO; SAPIRO, 2002, p.171). Tal estratégia favorece tanto o aprendizado quanto o respeito às diferenças de gênero existentes entre os alunos, sem que haja a exclusão dos que são vistos como fora dos padrões. O método interdisciplinar permite o envolvimento de quantidade maior de professores na elaboração do currículo, fazendo com que o aluno se sinta mais acolhido e confiante.

Além disso, a mídia, por sua vez, posiciona-se de forma negativa diante dessas questões na medida em que mostra o homossexualismo como sendo um grupo suscetível a atitudes vinculadas ao preconceito de gênero, transformando certa realidade em puro entretenimento vazio de conteúdo, enfatizando assim, preceitos tradicionais sobre a sexualidade – como a homofobia. A crescente notícia nas mídias sociais a respeito da violência que acomete esse grupo apenas reitera estereótipos sobre ele e, por consequência, as generalizações são levadas a ambientes de ensino. Isto implica que a escola se torna a principal responsável pela interpretação dos fatores midiáticos que tentam controlar comportamentos e ditar normas inescrupulosas e mascaradas; sendo necessário que a mesma possa desenvolver métodos para que os assuntos em evidência nos meios sociais se propaguem diante de um entendimento de respeito ao próximo e de aceitação das condições que diferenciam todos os seres humanos.

Se o ambiente escolar se comporta como sólidas localizações de aprendizagens, e a sociedade o concede como única institucionalização do saber (BRANDÃO, 2007), infere-se, com isso, que o processo educativo é norteado pela ideia da responsabilidade fundamental de moldar os indivíduos nele incluído. E para moldar tais indivíduos é necessário que escola, professor e sociedade juntem esforços neste sentido. Daí a importância de se ter um professor que adote uma pedagogia relacional, pois, o docente como facilitador da aprendizagem dinamiza e dá sentido ao processo educativo e, além disso, “o professor não deve preocupar-se somente com o conhecimento por meio de informações, mas também com o processo de construção da cidadania do aluno através do relacionamento entre os sujeitos aprendentes” (SILVA, NAVARRO, 2012, p.96).

Significa que, para que o aluno absorva tanto os conhecimentos próprios das disciplinas curriculares, como se aproprie dos conhecimentos inerentes da transversalidade no contexto escolar, fazendo-o adotar uma postura crítica da realidade, é primordial que se tenha a construção do

conhecimento bilateral, no qual professor e aluno sistematizem o saber. Sendo assim, percebe-se que ao tratar de uma temática tão marginalizada nas academias, a aplicação de tal pedagogia que torna próximo o professor e o aluno, é mais que adequada, mesmo porque o discente tende a se sentir mais confortável em fazer parte do processo de ensino-aprendizagem, gerando no mesmo a sensação de pertencimento. Portanto, “não há dúvida que a participação, o diálogo, a afetividade são aspectos imprescindíveis, mas não suficientes para a educação integral das crianças, considerando que uma dimensão quase sempre é negada e renegada: a sexualidade” (CAMARGO et al, 2000, p.128).

Se o processo educativo se isenta de eixos temáticos que possivelmente fomentem a curiosidade dos alunos e também não releva uma nítida preocupação diante da diversidade de gênero e sexualidade, aparentemente pode-se notar um desvio de sua principal função – direcionar os indivíduos a uma profunda reflexão frente aos acontecimentos que nos rodeiam, o que de acordo com Saito (2000), a escola se constitui no ambiente principal de formação e/ou transformação dos membros sociais sendo, portanto, necessário a discussão da sexualidade nesse espaço pedagógico.

Então, a inclusão de métodos interdisciplinares nas salas de aula pressupõe uma dinâmica de ensino compatível com a dimensão social alcançada atualmente e sugere o afastamento de estereótipos que normalmente é associado ao modo como esse assunto é abordado. Se isso não acontece, a escola admite um ensino mecânico sobre os conteúdos e tende a formar sujeitos à margem das mudanças associadas ao referido tema. Na medida em que assuntos dessa proporção – considerados emergentes no contexto atual – são negados ao debate em ambientes de ensino-aprendizagem, pode-se observar a evidente banalidade dada pelos discentes em salas de aula.

Num contexto desses, as discussões morrem, todo mundo começa a olhar para o relógio e os/as estudantes saem da aula sem ter obtido qualquer compreensão sobre suas preocupações, sobre seus desejos, sobre relações sexuais. Os/as estudantes tendem a esquecer qualquer aula que seja vista como algo que tenha a ver apenas com a autoridade da escola e com a autoridade do professor (...) Isso fica evidente na forma como a discussão é organizada; na forma como o conhecimento é concebido apenas como a expressão de respostas certas ou erradas e, portanto, apenas como o conhecimento de fatos; na forma como docentes e estudantes parecem esconder suas próprias questões e interesses com a justificativa de que têm de cumprir a matéria determinada pelo currículo oficial. (BRITZMAN, 2010, p.86).

CONCLUSÃO

Articular sobre sexualidade em ambientes de ensino contribui no desenvolvimento de crianças e adolescentes, já que ambas se inserem em uma faixa etária vulnerável a mudanças de âmbito social e, com isso, auxilia na sua formação enquanto indivíduo crítico, capaz de discernir as informações adquiridas da comunidade. Assim sendo, cabe à escola o papel de anexar em seu currículo didáticas de cunho interdisciplinar, vinculadas à demanda presente dessas questões, a fim de discutir esse assunto. Na medida em que há um debate acerca dessa temática dentro da sala de aula, conseqüentemente mais alunos se tornam conscientes das variadas formas de se prevenir infecções sexualmente transmissíveis e desenvolvem o respeito às diferenças.

É notável que em meio a regras socialmente estabelecidas, o aparecimento de grupos novos de gênero acarreta na negação da diversidade sexual até então vista como uniformizada. Logo, a formação de docentes capazes de se adequar a públicos visivelmente distintos, propõe práticas pedagógicas que envolve o englobamento dessa heterogeneidade existente no contexto escolar, a fim de que não prevaleça a marginalização dos mesmos. A aquisição de novas metodologias de ensino associadas à temática que se encontra latente na sociedade pressupõe distanciar a visão deturpada que permeia nas instituições educacionais.

Então, o debate sobre gênero e sexualidade no processo de ensino-aprendizagem presume sair das fronteiras da sala de aula e se conectar à comunidade com o propósito de enfrentar seus desafios. Sendo assim, a inclusão de temas transversais - como a sexualidade – em espaços pedagógicos denota formar indivíduos visivelmente aptos a conviver com a diversidade de membros que constitui a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOURO, G.L. **O corpo educativo: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CAMARGO et Al. **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna; Campinas, 2000, p.144.

MARTINS, F. A. S. **Análise de perfil de informação em saúde sexual do Ensino Médio de uma escola pública em Suzano** [trabalho de conclusão de curso]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2012. Acesso em: 03 Set. 2017. Disponível em: <http://www.ime.unicamp.br/~laurarifo/alunos/TCCFabianaMartins.pdf>.

TONATTO, S; SAPIRO, C.M. **Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências.** In: Psicologia & Sociedade. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/psoc/v14n2/v14n2a09.pdf>.

LOURO, G.L. **Gênero e Sexualidade: Pedagogias Contemporâneas.** Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2>

BRANDÃO, C.R. **O que é educação.** 49ª reimpressão (Coleção primeiros passos; 20); São Paulo: Brasiliense, 2007.

SILVA, O.G.; NAVARRO, E.C. **A relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem.** Rev. Eletr. Inter. [Internet]. v. 2, n. 8, 2012. Disponível em: <http://www.univar.edu.br/revista/index.php/interdisciplinar/article/view/82>

VASCONCELOS, A.A. et Al. **A presença do diálogo na relação professor-aluno.** In: V Colóquio Internacional Paulo Freire, Recife, 19 a 22-setembro, 2005. Disponível em: <http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis-pedagogicas/RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSOR-ALUNO/a%20presenca%20do%20dialogo%20na%20relacao%20professor-aluno.pdf>

SAITO, M.I. et Al. **Educação sexual na escola.** Rev. Artigos originais, São Paulo, 2000. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/39242838/Educacao_sexual_na_escola.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1504539574&Signature=ReqYTlz7%2F7Lf9U131M%2FQCtSuUSA%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DEducacao_sexual_na_escola.pdf